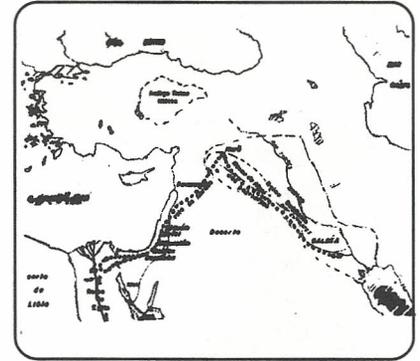


5. CIVILIZAÇÃO DA MESOPOTÂMIA



1. UR — CRUZAMENTO DE ROTAS

Entramos agora no estudo rápido da história do povo que foi preparado para receber o Messias, Jesus, e que, infelizmente, até hoje não o reconhece: o povo hebreu. O nome “hebreu” vem de **Héber**, descendente de **Sem**, relacionado na Gênese bíblica como um dos filhos de **Noé**. Depois de **Héber** muitas gerações se passaram até chegarmos a **Abraão**. Este é, realmente, o personagem de maior força entre aquele povo, na época, sendo considerado seu primeiro patriarca.

O nome **Abraão** — segundo Waldomiro Lorenz, no livro *A Cabala* — significa **pai Rama** em hebraico. Logo, pode-se perfeitamente perceber a influência ariana na formação espiritual de **Abraão**; embora do ramo semita da Atlântida, ele deve ter absorvido a cultura ariana de que **Rama** foi o expoente. E isto pode ser melhor entendido se considerarmos que **Abraão** nasceu e foi educado em Ur, na Caldéia (hoje o Iraque). Esta cidade, naquela época, devia ter cerca de 250 mil habitantes e era um centro comercial e cultural do médio oriente, além de cruzamento de rotas das caravanas que demandavam o Egito vindas do Oriente e vice-versa. Logo, em Ur devia-se tomar contato com muitas culturas.

Abraão era filho de **Terá**, que tinha mais dois filhos: **Harã** e **Naor**. Com a morte de **Harã**, **Terá** desgostou-se de Ur; reuniu **Naor**, **Abraão** e a mulher deste, **Sara**, mais os outros dois filhos de **Harã**, **Ló** e **Milca** (pois **Sara** também era filha de **Harã**), e mudaram-se todos para **Harã**, cerca de mil km ao norte. Estávamos por volta do ano 3 mil a.C.

2. A ALIANÇA

Abraão era um homem convicto, realmente, da existência de um único Deus. Uma personalidade marcante, pois apesar de toda a idolatria que o cercava e do fetichismo da época, manteve-se inabalável em sua crença. Foi, assim, o instrumento utilizado por Deus (ou pelo Plano Espiritual Superior) para implantar a idéia do monoteísmo — do Deus único — entre os homens, preparando-os para a vinda do Messias.

Na Gênese, 12:1-3, encontramos os termos da aliança feita pelo Plano Espiritual com **Abraão**: “**sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrarei. E eu te farei pai de um grande povo, e te abençoarei: eu farei célebre o teu nome, e tu serás bendito. Eu abençoarei aos que te abençoarem, e amaldiçoarei aos que te amaldiçoarem.**” E Deus lhe indicou a terra de **Canaã** como sua nova pátria. E **Abraão** obedeceu. Estava consagrada a aliança; reconhecendo a paternidade divina, a bondade do Pai, o homem se desliga do passado e busca o futuro luminoso: busca novas terras, novos interesses. Enquanto mantiver firme essa aliança — distanciamento cada vez maior do passado cheio de vícios — estará integrado na vontade do Pai, e, portanto, amparado e feliz.

3. CANAÃ E EGITO

Saiu, pois, **Abraão** rumo a **Canaã** — a Terra Prometida. Levou consigo sua mulher **Sara**, mais **Ló** e sua mulher, além de muitos servos e um rebanho. Estabeleceu-se nas imediações de **Siquem**. (Fig. 5)

Uma grande seca assolava aquela região, e **Abraão**, tendo notícia de que no Egito havia abundância, deslocou-

se para aquele país. Levou todo seu pessoal e o rebanho.

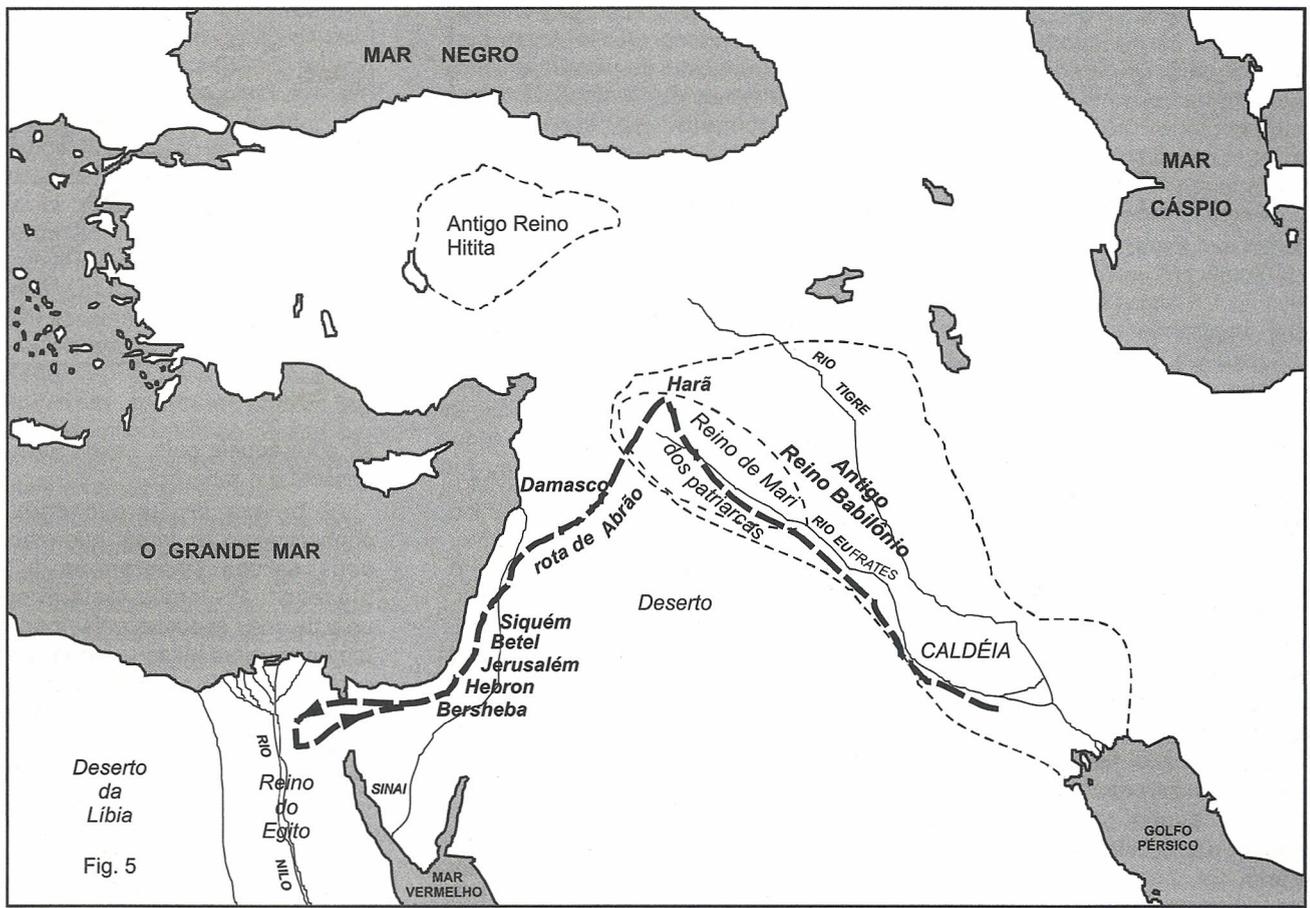
A beleza de **Sara** chegou ao conhecimento do faraó, que mandou seus servos trazerem-na à sua presença. Pretendia tomá-la como uma de suas esposas, pois **Abraão** — temendo represálias — fê-la passar por sua irmã. Diz a Bíblia que vários incidentes ocorreram na casa do faraó e seus adivinhos lhe disseram que era por causa daquela mulher. Disseram-lhe que não era irmã e sim esposa de **Abraão**. O faraó mandou chamar **Abraão**, repreendeu-o por haver lhe mentido e ordenou que se retirasse do Egito juntamente com **Sara** e os demais membros da família. Deus-lhe, porém, muitos animais que aumentaram o rebanho dos hebreus.

4. A MULHER DE LÓ

Retornaram a **Canaã**. Os cananeus, entretanto, consideravam os hebreus um perigo e passaram a hostilizá-los. Houve um desentendimento entre os pastores de **Ló** e de **Abraão**, seu tio. Este, conciliador como sempre, propôs que se separassem a fim de evitar maiores problemas. **Ló** e sua mulher, com os servos e o rebanho, fixaram-se nas imediações de **Sodoma** e **Gomorra**, às margens do mar Morto.

Abraão estabeleceu-se perto do **Hebron**, onde hoje é **Israel**.

Entretanto, **Abraão** nunca deixou de prestar solidariedade a **Ló**. Quando este se envolveu numa guerra com os cananeus e caiu prisioneiro, **Abraão** o libertou. Nunca o patriarca deixou de exercer a fraternidade, inclusive no episódio de **Sodoma** e **Gomorra** — cidades pecaminosas destruídas por um cataclismo. Diz a Bíblia que **Abraão** foi alertado pelos Espíritos



Superiores de que Sodoma e Gomorra seriam destruídas, por não haver ali nenhum homem de bem. Abraão tentou interferir, pedindo clemência. Os Espíritos lhe disseram que se encontrassem lá “apenas um homem justo” poupariam as duas cidades. Abraão, então, interferiu em favor do sobrinho e de seus familiares. Esta intercessão, aliada a conduta reta de Ló, o salvaram.

Ló recebeu com alegria os emissários do plano espiritual, enquanto os demais habitantes os procuravam enxotar. Dessa forma, Ló recebeu instruções para se retirar da cidade juntamente com sua mulher. Fizeram-lhe, porém, uma advertência: **fizeram sempre para a frente e não olhassem jamais para trás.** Ló e sua mulher deixaram a cidade momentos antes de Sodoma e Gomorra serem destruídas. A mulher de Ló, porém, desrespeitou a advertência e olhou para trás; diz a Bíblia que se transformou imediatamente numa estátua de sal. O simbolismo bíblico encerra uma grande verdade: **o passado nos escraviza, nos**

transforma em verdadeiras estátuas levando-nos ao estacionamento, se dele não nos desligarmos com grande força de vontade. A mulher de Ló, apesar de conhecer os erros dos moradores das duas cidades, demonstrou que não havia se desligado delas.

É o próprio esforço de reforma íntima. Temos que, decididamente, lutar contra as ligações viciadas do passado. Do contrário, permaneceremos estacionados, como verdadeiras estátuas.

5. OBEDIÊNCIA DE ABRAÃO

Sara era estéril. Por isso, Abraão vivia triste; morreria sem deixar herdeiros. Aconselhado pela própria esposa, tomou a Hagar, uma escrava, como concubina, a fim de ter um filho. Naquela época a poligamia era prática natural entre os povos da região. Realmente, Hagar deu à luz a **Ismael**, que é considerado pai dos **israelitas** — os árabes de hoje. Tempos depois, alertado pelo Plano Espiritual, Abraão soube que Sara poderia dar-lhe um

filho. A promessa concretizou-se; nasceu **Isaque**.

Isaque cresceu envolto no carinho de Abraão e Sara. Quando já estava em plena juventude, Deus fez um teste com Abraão ordenando-lhe que sacrificasse o próprio filho. Abraão prontou o altar, chamou a Isaque, explicou-lhe a ordem do Senhor. Isaque concordou em entregar-se; também ele admitia firmemente a paternidade divina. Entretanto, quando Abraão ia sacrificar o filho, o Plano Espiritual interfere, manda suspender o sacrifício. Abraão dera uma demonstração de absoluta obediência ao Pai. Não acreditava apenas por palavras, exemplificava a crença.

Abraão morre de velhice deixando muitos bens, e Isaque como seu sucessor. Foi sepultado no campo de Efron, ao lado de Sara, sua mulher.

6. ISAAQUE E JACÓ

Isaque casa com Rebeca. E dela tem dois filhos: **Esau** e **Jacó**, irmãos gêmeos. Esau, contudo, nascera na frente; tinha, assim, o direito de



primogenitura. Naquela época, ao primogênito cabia toda a herança do pai. Os demais filhos nada recebiam, nem a esposa. (Aliás, na época, as mulheres eram consideradas simples objetos de propriedade do homem).

Rebeca tinha predileção por Jacó, Isaque por Esaú. Estava Isaque já velho e quase cego, quando, um dia, chamou a Esaú e pediu-lhe que lhe servisse uma caça à refeição para que ele, Isaque, o abençoasse. A bênção, neste caso, representava a passagem de todos os direitos a Esaú. Rebeca ouviu o pedido de Isaque, preparou um guisado e mandou Jacó servir ao pai. Teve o cuidado, antes, de colocar uma pele de animal sobre os ombros e os braços de Jacó, para que o pai pensasse realmente que se tratava de Esaú — pois este era muito peludo. O estratagema deu certo. Isaque abençoou a Jacó pensando que fosse Esaú. Quando este voltou da caça e se dirigiu ao pai, Isaque lhe contou que já o havia abençoado, percebendo Esaú que fora ludibriado por Jacó.

Aliás, Esaú nunca dera tanto valor ao direito de primogenitura. Antes deste episódio já havia vendido a Jacó esse direito, trocando-o por um prato de lentilhas. É mais ou menos a nossa posição quando abrimos mão de verdades eternas a troco de mentiras que nos dão prazer momentâneo.

Contudo, Jacó, temendo represálias de Esaú e atendendo a conselho da própria mãe, deixou a casa paterna.

Foi para outras terras. Sofreu muito. Chegou praticamente a ser escravo do próprio sogro, longe do lar paterno. Chegou a duvidar da existência do Deus único. Foi a ele entretanto que Deus mostrou claramente a possibilidade de comunicação entre “vivos e mortos”, a livre comunicação entre o céu e a terra. É a celebre “escada de Jacó”: um sonho no qual Jacó viu uma enorme escada que se perdia rumo ao céu, por onde subiam e desciam os anjos.

A descrença de Jacó chegou ao ponto de lutar com um anjo, conforme diz a Bíblia. Isto é, de lutar contra um emissário do Pai. Por causa dessa luta, ele recebeu o nome de **Israel**, que, em hebraico significa “aquele que resistiu a um anjo”.

Depois de muitos anos longe da casa paterna, Jacó volta, casado e com um grande rebanho. Faz as pazes com Esaú e fortalece novamente sua crença no Deus único.

7. FILHOS DE JACÓ (ISRAEL)

Jacó deixou 12 filhos, que, mais tarde encabeçariam as doze tribos de Israel: **Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom, Dã, Naftali, Gade, Aser, José e Benjamim** (vide quadro à página seguinte).

Apenas para localizarmos estes acontecimentos com o povo hebreu, lembramos que na mesma época, grandes impérios e povos muito operosos estavam em franco florescimento: o império babilônico, o império assírio, a Grécia, os fenícios.

8. JOSÉ, CHANCELER DO EGITO

A tribo de Jacó, com seus 12 filhos, muitos servos e grandes rebanhos, era a mais poderosa de Canaã. Dentre todos os filhos, Jacó tinha especial predileção por José, o penúltimo. José, como nos conta Rochester no livro *O Chanceler de Ferro* possuía extraordinárias faculdades mediúnicas, desenvolvidas com ajuda de um iniciado caldeu, o velho Schebna.

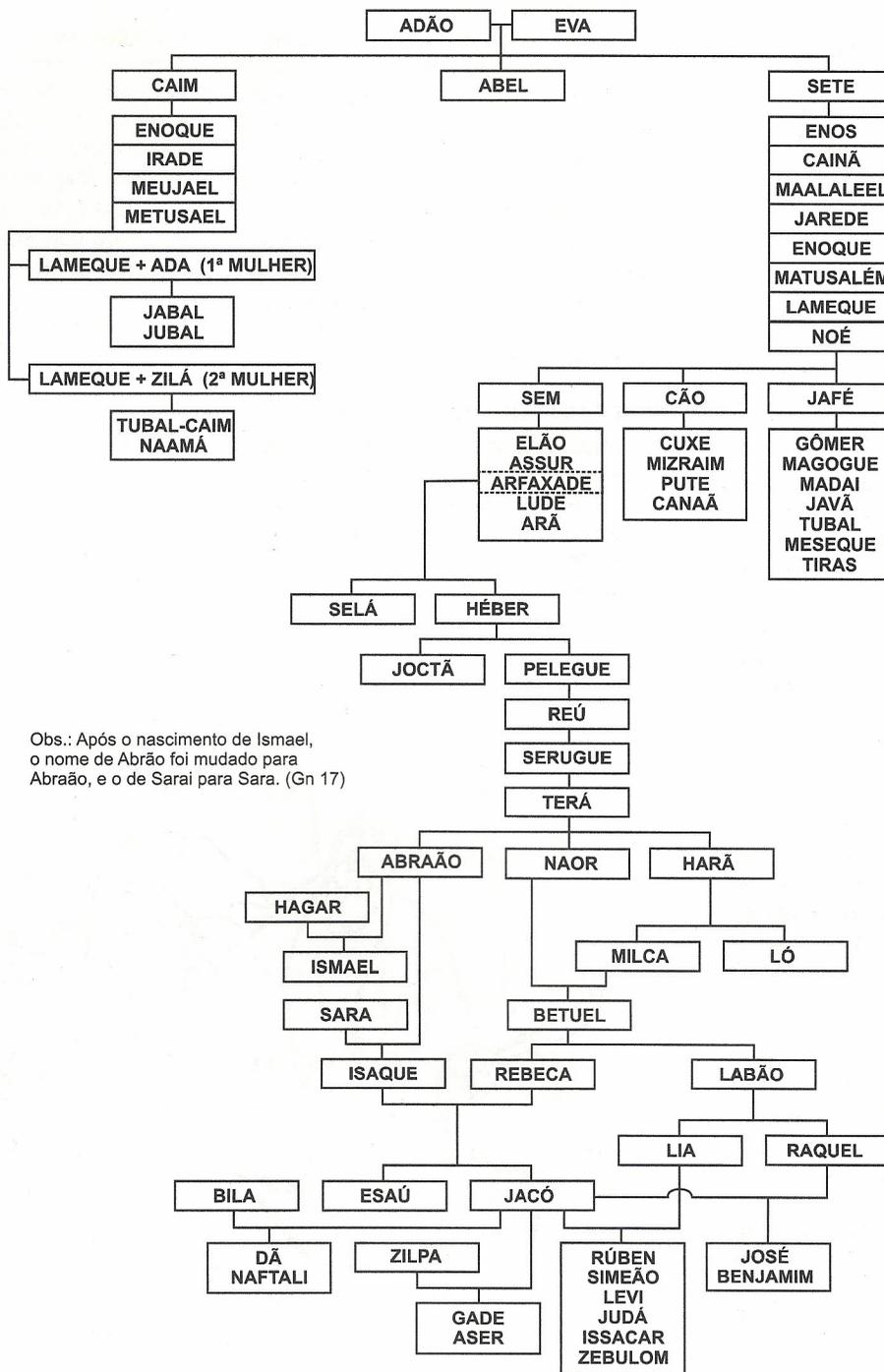
Certa feita, José contou a seu pai e irmãos dois sonhos que tivera. Em ambos, ele aparecia como figura de destaque e os irmãos curvando-se a seus pés. Isto revoltou os irmãos que, já não gostando de José por ser ele o favorito do pai, prometeram vingar-se. Assim, numa ocasião em que José fora até o acampamento dos irmãos que pastoreavam o rebanho, estes o venderam como escravo a uma caravana de ismaelitas de passagem para o Egito.

No Egito, José foi comprado por



AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL

(GN 1:35)



Obs.: Após o nascimento de Ismael, o nome de Abrão foi mudado para Abraão, e o de Sarai para Sara. (Gn 17)

Putifar, chefe da guarda do faraó. Conquistou a confiança de seu amo e passou a gozar de quase total liberdade, exercendo praticamente o cargo de mordomo da casa. **Ranofrit**, mulher de Putifar, envolveu-o numa intriga e José foi açoitado e colocado na prisão. Em sua cela, foram parar o mordomo e o padeiro do faraó, que estavam envolvidos numa conspiração para derrubada do rei. José interpretou sonhos que ambos tiveram numa mesma noite; sua interpretação foi totalmente confirmada pelos fatos: o padeiro foi enforcado e o mordomo reintegrado em suas funções.

O faraó tivera um sonho que nenhum dos adivinhos do Egito conseguiu interpretar. O mordomo lembrou-se de José na prisão e tendo feito referência dele ao faraó, este mandou que trouxessem o prisioneiro a sua presença. José interpretou os sonhos do faraó: 7 vacas gordas representando 7 anos de fartura para o Egito e 7 vacas magras, representando 7 anos de miséria.

Aconselhou o faraó a fazer provisões em todo o Egito durante os 7 anos de fartura, para que a fome não dizimasse a todos nos 7 anos de miséria. O faraó (Apopi) impressionado com o discernimento de José nomeou-o Adon do Egito — uma espécie de chanceler, primeiro-ministro. Assim, durante muitos anos José governou o Egito com mão de ferro. Foi implacável, para servir ao faraó. Na época, o Egito não era governado pelas dinastias faraônicas: os hicsos, invasores haviam tomado o poder.

José casa-se com **Asnath**, filha de Potifera, grão-sacerdote de Amon-Ra, o *Deus Sol*. Em seu governo, o Egito foi celeiro de muitos povos; a carestia não assolou somente aquele país, todo o Oriente Médio fora atingido.

9. JACÓ NO EGITO

A carestia atingiu também a Jacó e sua tribo. Mandou seus filhos ao Egito, a fim de adquirirem víveres. José os reconheceu, mas eles não o reconheceram. José os envolve propositadamente num roubo de objetos de arte para que, deixando Simeão como refém, eles retornem a Canaã e levem Benjamim como escravo para o Egito. Apesar dos protestos de Jacó, os irmãos levam Benjamim (o irmão caçula), mas, à

frente de José, Judá oferece-se para permanecer no lugar do irmão porque, diz ele, o pai não suportará separar-se do filho menor; José comoveu-se com a atitude de Judá e revela-se. Todos festejam o reencontro e, a pedido de José, vão buscar o pai e seus rebanhos para que se estabeleçam no Egito.

Jacó e sua família fixam-se nas imediações de Heliópolis e dedicam-se ao pastoreio. Quando chegaram eram 70 pessoas ao todo. Jacó viveu 17 anos no Egito, onde morreu após haver recomendado aos filhos que dividissem os bens entre si; foi assim

formado o patrimônio das 12 tribos de Israel. (Fig 6) José influenciou o faraó para decretar 70 dias de luto em todo o Egito, pela morte de seu pai e levou o corpo para ser sepultado no Hebron, em Canaã.

José governou mais alguns anos após a morte do pai. Uma revolta popular derrubou o faraó e determinou a morte do filho de Jacó. Começa, assim, um duro período para os hebreus no Egito, já a esta altura bastante numerosos. Um período em que passaram 400 anos como escravos, exercendo os trabalhos mais pesados.

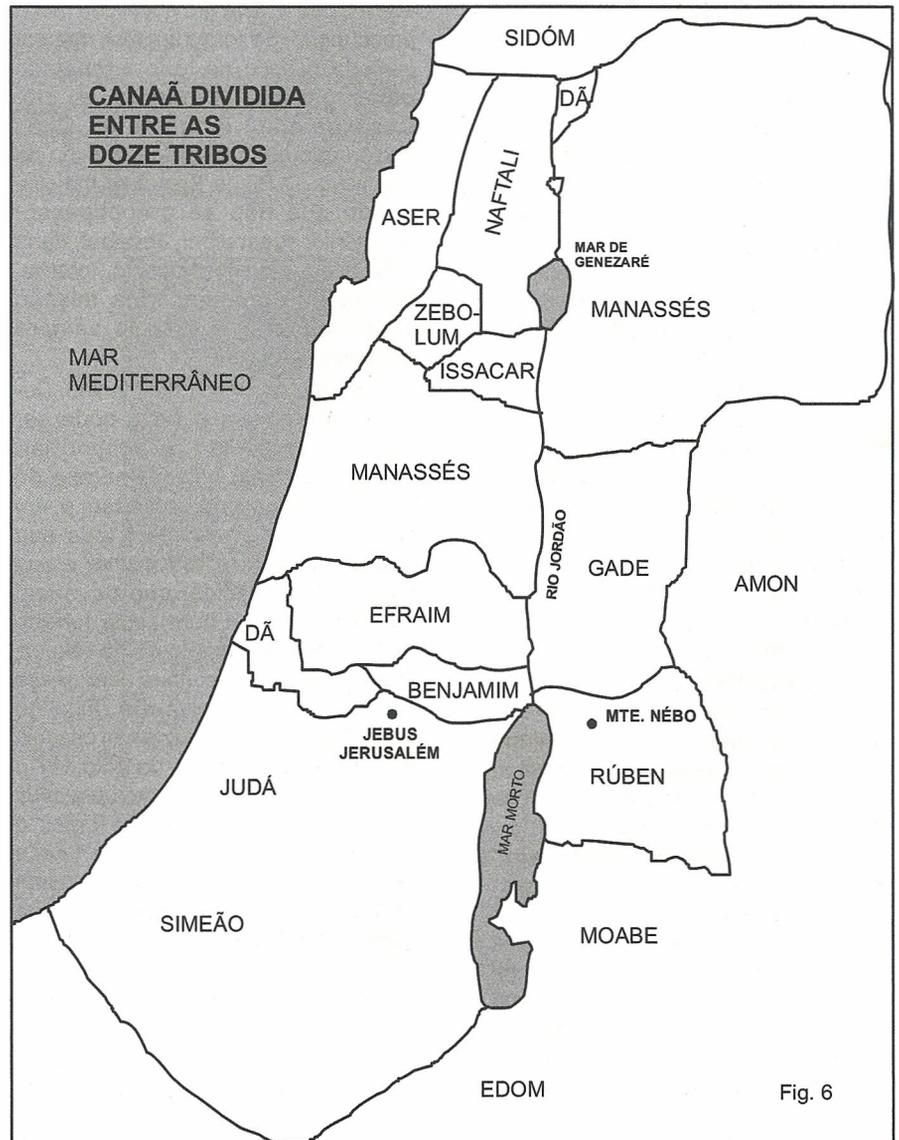


Fig. 6